

Fundação de um novo (e ecológico) tempo

FGV, em Botafogo, inaugura neste sábado a mostra Cine Enseada, apinhada de vozes autorais em documentários, ficções e animações sobre a saúde ambiental do planeta e de seus povos

RODRIGO FONSECA

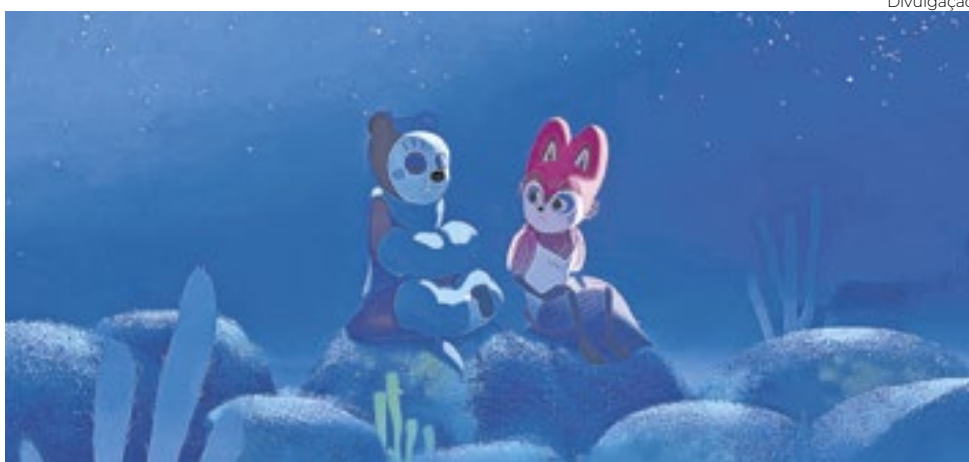
Especial para o Correio da Manhã

Signo de saber e de pesquisa no âmbito da educação, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) se junta ao ecossistema audiovisual do Rio de Janeiro, a partir deste fim de semana, ao empregar suas instalações em prol da exibição de filmes, com a criação do Cine Enseada, mostra dedicada a produções vinculadas à preservação do meio ambiente. O projeto é uma intervenção cultural da FGV Arte, que fará o centro cultural da instituição virar uma sala de projeção ao longo de quatro dias, deste sábado até a próxima terça-feira.

A entrada é gratuita mediante inscrição prévia. A arrancada, às 15h deste 14 de março, será (literalmente) animada, com “Perlimps”, sucesso de Alê Abreu que mobilizou telas europeias com um debate multicolorido sobre a tolerância entre povos. A opção de inaugurar os trabalhos por meio de uma narrativa de Alê (diretor indicado ao Oscar de Melhor Animação por “O Menino e o Mundo”) demonstra que o investimento desse festival em grifes autorais é alto, o que se consolida nas sessões seguintes. No próprio sábado tem Marco Altberg, com o documentário “Ailton Krenak: O Sonho da Pedra”, às 17h, e tem João Moreira Salles — num trabalho com Louise Botkay



Divulgação



Divulgação

‘Pasárgada’, de Dira Paes, encerra a mostra

‘Perlimps’ anima o debate sobre a preservação do planeta



Divulgação



Divulgação

‘Minha Terra Estrangeira’ traz a marca de Louise Botkay e João Moreira Salles com o coletivo Lakapoy

O curta ‘Recife Frio’ carrega a grife de Kleber Mendonça Filho



Divulgação

‘Tuã Ingugu (Olhos d’Água)’ é dirigido por Daniela Thomas

e o coletivo Lakapoy —, em “Minha Terra Estrangeira”, às 19h15.

“Por alguns dias, o belíssimo auditório projetado por Oscar Niemeyer se transforma em um grande cinema aberto ao público, gratuito e vivo — um espaço de partilha e imaginação coletiva”, diz

Maria Fernanda Baigur, coordenadora da FGV Arte. “A curadoria, realizada em parceria com Ricardo Cota, constrói-se em diálogo com a exposição ‘Adiar o Fim do Mundo’, com curadoria de Ailton Krenak e Paulo Herkenhoff, propondo um percurso entre arte, cinema

e ecologias — temas urgentes que atravessam nosso tempo. Entre filmes, conversas com realizadores, programação infantil e atividades paralelas, a mostra busca celebrar o cinema brasileiro e afirmar a importância da arte como espaço de encontro, reflexão e invenção de

futuros possíveis”.

Neste domingo de Oscar, quando o Cine Enseada inaugura sua grade às 13h, com a animação “Ainbo: A Guerreira da Amazônia”, nosso representante na disputa da Academia de Hollywood — o diretor de “O Agente Secreto”, Kleber Mendonça Filho — será celebrado pelo evento da FGV Arte com a projeção do premiadíssimo curta-metragem “Recife Frio” (2019). Ao fim do dia, um outro oscarizável com DNA brasileiro, “O Sal da Terra”, rodado a quatro mãos por Juliano Ribeiro Salgado e por Wim Wenders, pede passagem. Wenders abre caminhos para qualquer retrospectiva, sobretudo uma que pensa o futuro da Terra com tamanha delicadeza, quanto Maria Fernanda e Cota pensaram.

Na continuidade do cardápio cinéfilo montado pelos dois, a segunda-feira da FGV começa com “Vípuxovuko — Aldeia”, pérola de Dannon Lacerda, que transcende veios etnográficos, e passa por “Ilha das Flores”, cult de Jorge Furtado, e “Amazônia Sociedade Anônima”, de Estêvão Ciavatta. Na sequência, o documentário “(Re)Encontros Akupunh Awjanã”, produzido pela Escola de Ciências Sociais da FGV (CPDOC), contará com um debate conduzido por Celso Castro, professor e diretor da unidade. Encerrando o dia, “Mundurukuyü — A Floresta das Mulheres Peixe”, de Aldira Akay, Beka Munduruku e Rilécia Akay, apresenta o olhar de mulheres cineastas Munduruku sobre o território, a ancestralidade e a resistência.

“Esse evento é cercado de uma dupla responsabilidade: a escolha criteriosa dos filmes de uma primeira mostra da FGV Arte e a consagração de um novo espaço para o audiovisual no Rio de Janeiro, sobretudo para que as produções brasileiras possam ser mais vistas”, explica Ricardo Cota, que, ao lado de Maria Fernanda, confeccionou a curadoria na linha Corrente da inclusão.

Para o fecho, a dupla preparou filmes que articulam cinema e música, como “Radiola de Promessa”, de Gê Viana, e “Tuã Ingugu (Olhos d’Água)”, de Daniela Thomas. O encerramento do Cine Enseada inclui, ainda, uma aula aberta promovida pela FGV CPDOC, conduzida pelas professoras Thais Blank (CPDOC) e Lúcia Monteiro (UFF). Entre os longas exibidos nesse dia, estão “Amazônia Groove”, de Bruno Murtinho; “Terruá Pará”, de Jorane de Castro; e “Pasárgada”, que marca a estreia na direção da atriz Dira Paes.